



Papagaio real

SEMANARIO
MONARCHICO

CARICATURA
POLITICA E
HUMORISMO

COLLABORA-
ÇÃO ARTÍSTICA:
ALMADA NEGREI-
ROS (DIRECTOR)
GASTÃO DE LYS
STUART CARVALHAES
JORGE BARRADAS
RODRIGUEZ CASTANE
JOÃO MARIA
SILVA MONTEIRO
COLLABORAÇÃO
LITTERARIA:
MAGHADO CORREIA
A. MONTEIRO
ALFREDO LAMAS

DIRECTOR:
ALFREDO LAMAS

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO
7 LARGO DE
S. PAULO 1.º ESQ

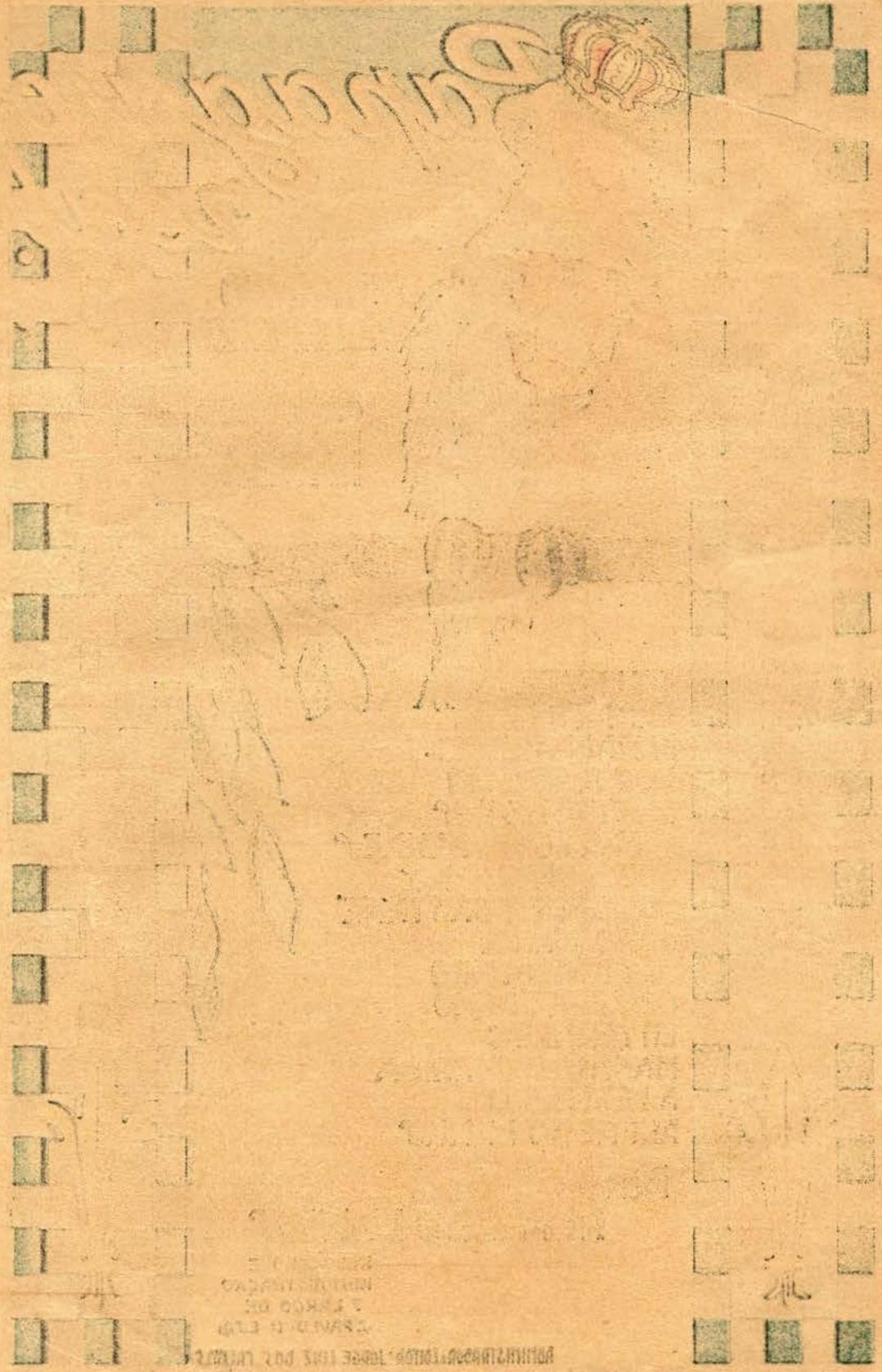
ADMINISTRADOR & EDITOR: JORGE LUIZ DOS SANTOS

PROPRIEDADE DA EMPRESA DO PAPAGAIO REAL.

ESTE NUMERO TEM 12 PAGINAS - PREÇO 20 REIS



813-D



REPRODUCTION OF THE ORIGINAL DOCUMENT

LIBRARY OF CONGRESS

PHOTODUPLICATION SERVICE

UNIVERSITY MICROFILMS

ANN ARBOR, MI 48106

300 NORTH ZEEB ROAD

ANN ARBOR, MI 48106

UNIVERSITY MICROFILMS

ANN ARBOR, MI 48106



Lisboa, 7 de abril de 1914

PAPAGAIO REAL...

Semanario monarchico
POLITICA, CARICATURA e HUMORISMO

Collaboração artistica de Almada Negreiros, Gastão de Lyz, "João Maria", Stuart Carvalhaes, Jorge Barradas,
Silva Monteiro e Rodrigues Castañê

Collaboração litteraria: Machado Correia, A. Monteiro e Alfredo Lamas

Director — ALFREDO LAMAS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
L. S. Paulo, 7, 1.º — LISBOA

Administrador e editor — JORGE LUIZ DOS SANTOS
Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
C. S. Francisco, 23 — LISBOA

"Liberdade, Igualdade e Fraternidade"



O POISSON D'AVRIL... nascido em 5 d'Outubro

"PAPAGAIO REAL"

Este semanário é, como bem claramente diz na sua capa monarchico.

Monarchico quer dizer patriota, amigo da ordem, do progresso, da liberdade e do respeito devido aos nossos semelhantes.

Ser monarchico é actualmente ser alguma coisa dentro d'este paiz, outr'ora tão respeitado e admirado.

Nós não somos monarchicos arrivistas, não somos dos que com a queda do regimen perderam o logar á mesa orçamental; não somos dos que de chapem em punho andavam bajulando os chefes dos partidos.

Não somos monarchicos porque esperamos da monarchia, quando voltar—que fatalmente volta—posta ou pasta, não; somos monarchicos por tradiçãõ, educação e raciocínio.

Somos monarchicos porque entendemos que esse regimen politico é o unico capaz de assegurar a nossa independencia; porque respeitamos em absoluto o direito que cada um tem a usufruir o que é seu, o que lhe custou a ganhar ou herdou de seus maiores.

Somos monarchicos porque respeitamos o lar alheio, a liberdade e o pensar de todos os nossos compatriotas, as suas crenças religiosas como as suas crenças politicas.

E a republica nenhuma d'estas condições satisfaz.

A republica tem-nos humilhados perante os estrangeiros, concedendo-lhes direitos que a nós nos nega: tem-nos lançado na senda temerosa da guerra civil, enchendo os presidios, obrigando á fuga, atirando para a miseria com dezenas e dezenas de familias.

Quinze dias depois de implantado o novo regimen já nos arraiaes da grei se gritava pela conciliação da familia portugueza, e para a fomentar, para a desenvolver, criou-se a *formiga branca*, exautorou-se, espancou-se, matou-se em pleno dia, em plena rua, a tiro, para que ninguem tivesse duvida no genero de conciliação preconizado; assaltou-se a horas mortas o inviolavel domicilio do cidadão. Para que todos, absolutamente todos, recebessem o regimen com sympathia preconizou-se o emprego da pólvora e agua-raz, fecharam-se as associações de classe, prenderam-se grevistas, assaltaram-se redações de jornaes, espatifou-se n'uma palavra toda a liberdade, toda a ordem, todo o trabalho progressivo do regimen depositado, para em troca nos darem o mais feroz despotismo, a mais tremenda demagogia que era possivel imaginar-se!...

Afinal a lição é dura, muito penosa, mas proveitosa! Só os monarchicos tiveram a culpa da queda do regimen que pequena viração tombou; só elles tem responsabilidade, principalmente os então dirigentes, pela formidavel derrocada a que tudo foi levado dentro d'este pequeno e risonho paiz...

A propaganda republicana serviu-se de todos os argumentos, lançou mão de tudo desde a mais baixa deslealdade á mais nojenta mentira. Usou e abusou da liberdade que o regimen lhe concedeu.

Não queriamos, é claro, que a liberdade lhes fosse coartada, mas que fosse responsabilizada, que aos seus comicios de propaganda outros se succedessem demonstrando a inanidade dos seus argumentos e a falta de logica e de verdade que era em geral a caracteristica dos seus propagandistas.

Nada se fez; agacharam-se os homens em frente do terrivel monstro, que não passava, afinal, como se tem visto, de, com excepções é claro, meia duzia de cobardes, aparentando de valentes, em frente d'uns milhares de timoratos...

Foi dura a lição, que aproveite, e quando a monar-

chia voltar,—porque voltará, sem ser necessario ser propheta para o afirmar, pois, sente-se já o seu halito quente e vivificante como o sol da primavera,—que então se faça a reconciliação da familia portugueza, com a generosidade e nobreza que lhe é peculiar.

Pela monarchia!

O que ali fica constitue, pode dizer-se, o nosso programma, mas é preciso acrescentar-lhe para bem nitida comprehensão de todos, e até dos nossos inimigos politicos, que não vimos, nem nos compete, em som de guerra; desejamos fixar aspectos, castigar pelo riso a scena politica da nossa terra, tão fertil em dramas de faca e alguidar e comédias á gymnasio...

A vida particular seja de quem fór, é para nós sagrada. Basta-nos, para demolir, a vida publica...

Tambem a grosseria e o ultrage em qualquer dos seus aspectos por cá não farão carreira.

Papagaio real será um papagaio sempre prompto a assinalar quem passa, a rir da sua pose ou do seu feitio, mas com termos. Ha-de saber fazer respeitar a corõa que o sobrepuja.



—*Conselheiro Bernardino*: Tenho a honra de cumprimentar V. Ex.^a sr. *Papagaio real*...

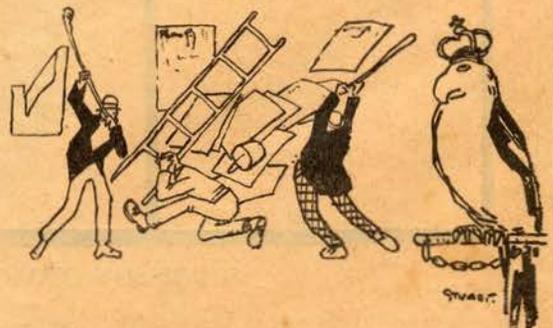
Tive o prazer de encontrá-lo no Brazil, na minha terra, suas excellentissimas tias; terei muito prazer em lhe ser util... Fui, sou e serei um seu admirador, meu querido amigo...

—*Papagaio real* (ao ouvi-lo deixar de papaguear): O sr. conselheiro dê cá o pé... e diga-me, se sabe porque anda a *formiga* a roer-me as corõas da cabeça nos cartazes?!...

—*O Conselheiro*: Ora meu querido amigo, esses nossos estremecidos amigos, andam assim ganhando outras corõas...

—*Papagaio real* (macambuzio): De louros?...

—*O conselheiro* (sorridente): De prata, meu amigo, de prata...



GIRONICA

IRMÃOS SIAMEZES

O sr. Affonso Costa declarou no Porto que era irmão do sr. Ferreira do Amaral e este senhor, que comera uns papos de rola ao jantar, sentindo-se comovido, asseverou que assim era.

Nós já tínhamos dado por isso.

O sr. Ferreira do Amaral é marinheiro; o sr. Affonso Costa é pescador; um nunca teve a borteoja republicana o outro nunca teve o sarampo monarchico mas no fim baralhados e confundidos são capazes ambos da mesma coisa: um presidente do conselho do rei fez o morticínio de 5 d'Abril; outro presidente de ministros da republica fez as victimas d'Angra e d'Elyas; um adora as pançadas pantagruelicas e a boa pinga; o outro abarrota-se comendo os adversarios, os amigos, os que se lhe chegam e por vezes diz coisas que parece tambem um pouco cambaleante.

Ferreira do Amaral irmão d'Affonso Costa, mas não ha duvida alguma! São duas almas absolutamente egnaes. Um trahiu a fé jurada ao seu rei que se apoiara no seu braço; o outro a fé jurada ao povo que n'elle confiara. Quem accusa o glutão Ferreira do Amaral?! Os monarchicos. Quem accusa Affonso Costa? Os republicanos.

Se não vieram do mesmo ventre de mulher esses irmãos siameses, foram chocados no mesmo ovo. Um ovo d'aguia dizem ali os jacobinos adoradores a demagogia do almirante que o leva até a ir ás iscas atraz de S. Domingos.

Um ovo de pavão, diz o bom senso.

Affonso Costa foi no tempo da propaganda um papa jantares democratico e um exhibicionista ridiculo. Nos banquetes a tanto por cabeça acabava por comer estas como se fossem de vitellas imoladas ao sacrificio; nas ruas atrava com velocidade o seu automovel com buzinas fortes a chamar as attentões da turba que ficava na lama e na poeira a vêr o idolo como se fosse um passageiro do carro de Jupiter.

Ferreira do Amaral foi e continua sendo, o que se chama na gyria de fóra de portas, um bom garfo e um declamador patusco. Nas agápes dos subterraneos da rua dos Condês ou na mesa protocollar do paço, nos banquetes officiaes ou nas tertulias alegres elle acabava tambem sempre por se fazer servir uma cabeça mais dura ou um coração mais tenro. Assim comeu os monarchicos jantando com os republicanos e caçou os republicanos em S. Domingos jantando com os monarchicos que não pediram ao antropophago almirante carne humana para os seus sacrificios.

Nas ruas exhibia-se ao lado da figura pallida do soberano que se lhe confiara e parecia querer protegelo com um doce sorriso d'amizade.

Ambos mentiam: um ao povo que já metten nos carceres; o outro ao rei que não foi defender na hora em que o atacavam.

Um andou annos a dizer que amava a soberania do povo e a offerecer-lhe a vida; o outro a enaltecer a soberania do rei e a offerecer-lhe a alma; um gritava que conduziria a multidão ás barricadas, com a sua voz e começou com o compé 44 a sua lenda de bravura agora continuada no Porto com as suas voltas por Vizeu, Lamego e Mezão Frio n'uma desenfreada correria d'automovel. O outro jurou aos marinheiros revoltados nos navios que se entregaram á sua discrição que justiça lhes seria feita, batendo com a mão espalhada nos galões por elles afixou um perdão aos rebeldes e isso não se fazem

do, não o impediu de continuar a digerir tranquilamente os seus *menús* pomposos regados á larga com o Porto da Companhia emquanto não se apaixonou pelo molho de vilão, que foi o sangue do povo derramado á sua ordem no dia das eleições em 1908. Da sua farronca de valentia ficou uma espada pendurada quando outras se desembainhavam e a fuga precipitada pelas ruas da capital á volta da viagem triumphal do rei ao Norte quando mais do que nunca se carecia serenidade.

Não ha duvida. Fallou a voz de sangue. Ferreira do Amaral e Affonso Costa — o Porto o ouviu — são irmãos.

Tudo n'elles moral como physicamente se equilibra. São as mesmas vaidades, as mesmas ancias, as mesmas manias, as mesmas audacias e os mesmos retrahimentos. Ha apenas uma differença d'idade mas no fundo os homens assim não teem a noção dos annos que passam nem a das honrarias a que chegam. O almirante jantou sempre nos Makavenkos com a Maria Juliana a dizer *blagues* como se fosse o guarda marinha da phrase do sr. Freitas Ribeiro, ex-ministro; o outro, presidente do conselho, jantou em Loures com a Chica Fadista a cantar fados como se fosse ainda o estudante de direito que havia de garotear o padre Chaves.

Não ha duvida: as mesmas tendencias; as mesmas vontades, os mesmos môlhos, os mesmos licores.

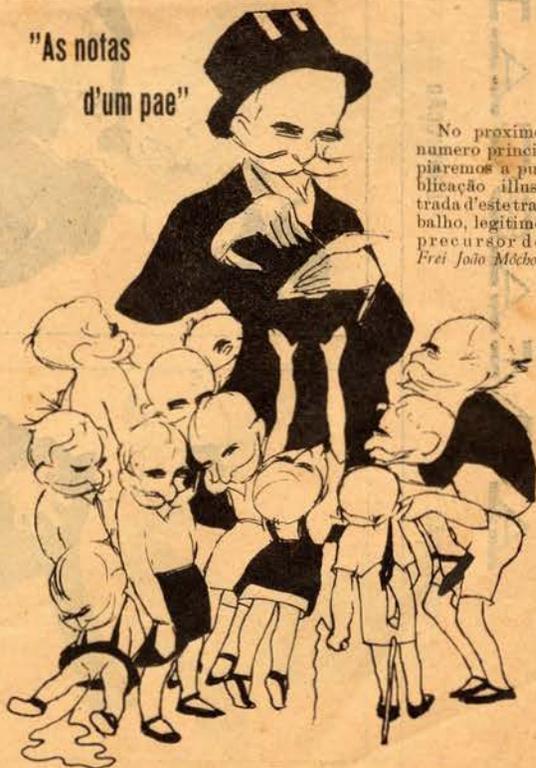
O que elles revelaram no Porto é uma coisa que todos já deviam ter advinhado como que os cordões d'ajudante de campo d'um não eram senão o cordão umbilical que o prendia ao ontro.

Não é preciso vêr os registos de baptismo. Affonso Costa com uma papeira é no rosto Ferreira do Amaral; este com uma pera tem a cara d'Affonso Costa.

Irmãos em tudo é certo, Affonso Costa nascido em Ceia; Ferreira do Amaral nascido para jantar.

Gil Vaz.

"As notas
d'um pae"



No proximo numero principiaremos a publicação illustrada d'este trabalho, legitimo precursor do Frei João Mêcho.

A MASCARA DO ACTOR

CONVICÇÃO



Na peça A NACIONALIDADE
Eu amo do Brazil o cheiro ardente,
Seu lindo idioma doce e dengueiro,
Seu imperador sabio e prudente.
Não ha duvida: sou brasileiro...

CONVICÇÃO



Na mesma peça
Adoro de Portugal o idioma puro.
O Brazil é terra d'entremez.
Por isso pela minha honra o juro
Não ha duvida: sou portuguez...

ENTUSIASMO



Na peça O REALISTA
Viva o rei
Viva a rainha
Viva a familia real
Viva a Santa religião
E eu, que sou cordeal!...

COLERA



Na peça SEM ESPERANÇA
Ingrata gente, que assim me ouve fallar
E não me chama para aconsellar!...

ARGUCIA



Na peça ANJIÇÃO, o ministro do:
Olha se me digo brasileiro
Acaso seria agora Conselheiro?!...

VAIDADE



Na peça LENTES, LENTILHAS e LENTIDÕES
Ser lente
E' tudo penetrar!
E' como ser verruma
Ou vidro d'augmentar...

SOMNOLENCIA



Na peça O MINISTRO DO REI
Um correio: Uma grave questão se agita.
O pagem: S. Ex.ª dormita.

FURIA



Na peça O DEMAGOGO
Ah! posto na rua só porque dormia,
Porque resonava de noite e de dia.
Ah! mas o povo já canta a marsehesa
E eu... eu sempre fui contra a realza!..

HYPOCRISIA E ESPERANÇA



Na peça O NOVO REI
Oh! Fados! Foi morto o rei,
No throno um adolescente!
Destino o que não sei...
(meio tento) Sou presidente, sou presidente!...

DECEPÇÃO



Na peça ELEIÇÃO PRESIDENCIAL
Senhor eu vos saúdo
De todo o meu coração...
(aparte) E ainda quatro annos
Para a outra eleição!...

AMEAÇADOR



Na peça O EMBAIXADOR
O Affonso, conheci-o,
Foi elle que me mandou para o Rio
Me tirou de Portugal.
Eu então não dei nem piu,
Mas não faz mal...

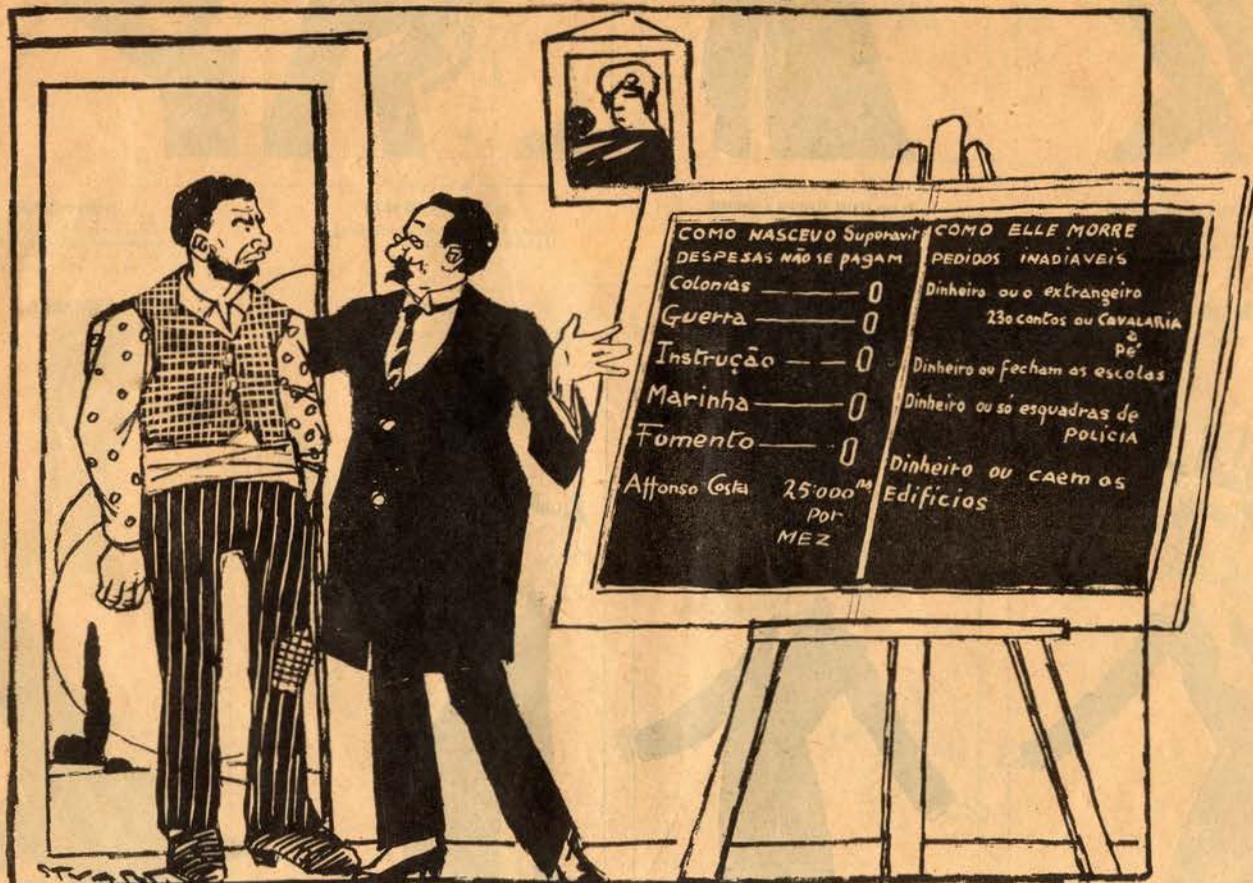
ORAÇÃO



Na peça DESEJO VEREMENTE 1914
Oh! Deus, tu que me geraste cordeal...
Oh! Pai do céu, tu que me fizeste lente...
Senhor dos Passos, amigo sem equal,
Faz-me presidente!... Faz-me presidente!...

João Mario

SANTO AFFONSO DE LIGORIO, advogado do SUPERAVIT.



Zê. Men caro sr. dr. assim tambem eu faço *sopravinte* e até 31... Não pagando á tenda, nem ao padeiro, nem ao sapateiro, nem ao senhorio,apanho uma empazi-nadella de massa...

Sua magnificencia. Tu não percebes nada de finanças; tu só sabes pagar e é por isso que ha *superavit*...

Zê. Desde o dia da revolução que eu o vi principiar, valha a verdade... Basta ler o *Diario do Governo*... *Só pravinte* não ha duvida... Pra V. Ex.^a, para seu irmão, para o seu socio, para o seu moço, para o seu ribas, para a sua familia... *Só pravinte*... *Só pravinte*... Para mim é que nem uma de X!...

PORTUGUEZES DE LEI



O "Papagaio Real," inicia a sua galeria publicando o retrato do antigo ministro plenipotenciario de Portugal do Brazil; patriota devotado, diplomata illustre, o seu nome está vinculado em milhares de corações de portuguezes que nas Terras de Santa Cruz encontraram sempre no sr. conselheiro Camello Lampreia não só o ministro de Portugal, mas ainda um amigo e um protector. São para o grande portuguez que sempre foi o illustre diplomata as nossas homenagens. * * * * *

CONSELHEIRO CAMELLO LAMPREIA



**O cumulo
da
ingratidão**

Renegar a mãe que os explodiu. . .

(Não foram incluídos nos decretos d'anistia os indivíduos implicados em attentadas dynamitistas.)

Dos jornaes.



Cruel destino

Vede a bella conjunção,
Que da cordeal União
E da *Evolução* nasceu;
Durante a quadra festiva
Conjunção copulativa:
«Para sempre, Tu e Eu!...»

Mas em breve a conjunção
(E o mais duro coração
ao ouvi-lo se doeu)
Passa de copulativa
A conjunção disjunctiva:
«Um é demais; Tu ou Eu!...»

Apoz grande confusão,
A auspiciosa conjunção,
Em que o tanglo-manglo deu,
Volta a ser copulativa,
Mas agora negativa:
«Ai de nós! Nem Tu nem Eu!...»

NA BRECHA

Cá estamos novamente com a mesma fé com o mesmo ardor, com a mesma esperança de que isto vae, não sabemos bem para onde, mas vae... Ora para que isto vá bem e para que nós, — isto é — o *Papagaio Real* também caminhe bem só é preciso que os monarchicos o comprem e que todos aquelles a quem o enviámos e o queiram, o estimem como elle merece e os que não sympathisarem com o palrador o mandem pelo mesmo caminho. Aos que desejarem a nossa visita semanal os nossos agradecimentos.

Faustino o confirma:

«O orador—Escandaloso! E eu provo: Pois haverá coisa mais escandalosa do que esta republica não ter posto em pratica uma só lei de fomento economico e os seus parlamentares só se apaixonarem na discussão de um projecto como o que tendia á legalisação do jogo, isto é, uma armadilha ao dinheiro dos incautos? Poco, pois, sr. presidente, que não atenda o pedido do sr. José Maria Pereira, e pareo-me que tanto direito me assiste fazendo este pedido como aquele sr. senador fazendo o contrario.»

(Do *Diario de Noticias* de 1 d'Abril.)

Afinal ambos tem razão! Faustino não quer jogo porque tem medo que o sr. José Maria Pereira, senador, se perca; o sr. Pereira quer o jogo porque... não se pode perder mais do que já está!

Mas comove, amigo Faustino, comove, tanto amor á algibeira do proximo ..

Vitimas da Revolução:

«Sob a presidência do sr. dr. Bernardino Machado reuniu-se ontem á noite, no ministerio dos estrangeiros, a commissão de socorros ás vitimas da revolução.»

Dos jornaes do dia 1.

A reportagem do *Papagaio real* mais atilada do que a dos grandes diarios lisboetas mundos e imundos, conseguiu saber o seguinte:

Ao conselheiro Antonio Teixeira de Souza, oito logares de deputado na proxima legislatura pela sua muita dedicação pela monarchia que serviu a contento de todos... os que agora nos governam; ao sr. Machado dos bigodes, o decreto nomeando-o governador perpetuo de Mocambique, pela cordeal franqueza com que mandou ao diabo os milhares de favores que devia á monarchia que o encheu de crachás e benesses.

A commissão resolveu também pedir ao parlamento retire a pensão a Machado Santos em virtude de se ter provado que a Rotunda... foi no quartel General, no do Carmo e no Terreiro do Paço onde sua excellencia não esteve durante os dias gloriosos, da gloriosa revolução, que gloriosamente nos pôz... a pão e laranja!

DE BINOCULO

... conselheiro com a monarchia, director geral com a republica

... com a ominosa folhas surdas, dinheiro a entrar... secretario de ministro, convidado ministro... etc. Com a republica... financeiro cotado, na reserva para a respectiva pasta...

Sempre pequenino, muito modesto, muito calado, muito boa pessoa, não querendo nada, mesmo nada, aceitando tudo, mesmo tudo, até o atropelo dos direitos alheios em seu beneficio.

Desde os bancos de escola, d'aquella escola ali para os lados do Conde Barão, laurrado como capacidade assimiladora de primeira grandeza, e com tal cotação atravessando a vida até lhe alvejarem os cabellos

Boa pessoa, muito boa pessoa, muito temente a Deus, socio effectivo da «incredível registo civil»; muito bom rapaz, muito delicado, vendo a olho nú mosquitos na outra banda; modesto, muito modesto, nada querendo, mesmo nada, aceitando tudo, mesmo tudo, desde o beneficio atropelo aos direitos alheios para subir, para trepar, até á *massinha* pelas folhas surdas.

Ponson du Marne.

P. S. A quem o conhecer e o não queira comprar, pedimos o favor de nos indicar o seu nome para ser publicado no proximo numero.

Querido heroe...

O sr. dr. José d'Arruela fez aquella conferencia que todos nós conhecemos e que não agradou ao heroe da Rotunda. Vae d'ahi artigo de fundo no «*intrujagente*» com as respectivas citações historicas, quasi sempre indispensaveis n'aquelle poço de sciencia que é o sr. Machado. No final, porém, sua excellencia desconcerta-se, perde a linha de pedagogo e desata a ameaçar o ceu e a terra, o mar e o mundo; chamando coisas feias a quem lhe não liga nenhuma.

Olhe, sr. erudito; as forças de todos os senhores não vão muito além de meia duzia de medrosos, tripudiando sobre duplicado medo de alguns milhoes; mas no dia em que esses milhoes comprehendem que basta «espremer azeite» para os correr — é um ar que lhes dá!

Mas sr. Machado: pelo amor de Deus não nos assuste: dê-nos lições de historia, muitas lições, o tempo corre veloz e pode bem ser... que nos não dê licença de ficarmos sabendo quanto valor, quanto saber encerra essa pequena figura, esse biscuit agalado, tão bonito, tão sympathico no seu travesti de heroe

Pendulo composto...

A vida do relógio nacional oscilla actualmente entre dois machados, sem esochronidade é certo, com movimentos descompaçados, mas em todo o caso aguentando-se... Um dos machados é todo amor, carinho, cordialidade; o outro azorrague, ameaças, rações e... *sciencia*. Um importado pela segunda vez das terras do sabiá; o outro sahido em outubro de 1910, dos meandros da Carbonaria e das dispensas dos navios de guerra

Sahe a gente da chapelada de um e esbarra com a immodestia do outro!

Um vê correr o chi-chi dos meninos e faz um livro onde expõe esta sua impressão dulcissima d'um pae extasiado; o outro renega o Devo e Haver das dispensas da marinha de guerra, para das, columnas d'um jornal, nos bombardear com uma metralhadora que lhe não ensinaram a manejar

Um trava relações com Jesus Christo para que o Divino Architecto lhe vá reservando logar na Bemaventurança, visto que ella pertence aos pobres de espirito; o outro não sabendo bem o que fazer, estende um pé para traz... afastando a religião e outro para a frente, pondo ao largo o livre pensamento, na tentativa insensata de arranjar um systema de forças que o vá aguentando no balanço

Afinal, Deus dará aos dois a Bemaventurança...

À IMPRENSA

A todos os que no *Sagrado tribunal* tem um logar e que o exercem com dignidade, os nossos melhores cumprimentos de boa e leal camaradagem.

Para os *outros*... fechem para cá, o postigo ó meninos!...



Paragaio Real...

GLORIA À THEORGA!...



O ultimo ministro d'instrução publica sr. Souza Junior, consagrado auctor do decreto raticida, mandou traduzir pelo sr. Mayer Garção e fez distribuir pelas escolas primarias a poesia de Jean Richepin *L'Eau de Mort* de que publicamos alguns versos de incitamento á infancia a *chumar-lhe*.

A AGUARDENTE

(«L'Eau de Mort», de Jean Richepin)

Povo, filho do solo onde a vinha estremece, guarda o teu culto para o vinho — que o merece. Guarda o teu culto para o vinho — só para elle! Bebe-o, como o bebia alegremente aquelle teu avô que proferiu n'um brado extraordinario o Evangelho do cên revolucionario.

O vinho da tua vinha, agora como então, ama-o, e bebe-o, povo, operario, aldeão, como elle o bebia, a alma em fogo acesa, quando no cên pairava a asa da *Marselheza* e no seu peito a arder só havia um desejo: banhar o coração na frescura de um beijo.

E se o acaso é preciso no teu arduo labor, ó povo a que eu pertencço, artista ou cavador, p'ra te animar na faina intensa dos tens dias, o estímulo que acorde esp'ranças e energias bebe, absorve-o, pede-o ao espirito divino do vinho ao beijo forte, e fresco, e purpurino, onde foram beber inspirações secretas Prospero e Ariel, apóstolos, poetas; onde raiou, cantou; floriu o nosso sonho de construímos um futuro mais risonho áquelles que depois, com igual ansiedade, procurando tornar melhor a humanidade; — e eletrizados, todos nós, com seu carinho, por essa esperança e esse sonho, e esse vinho, dançaremos, bebendo — almo prazer jocundo! — ébrios como os heroes, á saúde do Mundo!

Vergonha?... viste-la! O sr. Machado Santos traçando do inquerito á *formiga branca*, em que todos se têm mantido com o impudor proprio d'estes homens e d'estes tempos, diz que *positivamente fallando já não sabemos se são elles, se nós quem não tem vergonha.* Nós o tiramos de duvidas: quem não tem vergonha somos nós, monarchicos, por representarmos a opinião da maioria do paiz e estarmos de cocoras, vae para quatro annos, de frente dos Affonsos, dos Antonios, dos Britos e de toda essa pleiade de insignificantes, que, como animaes damninhos, invadiram o paiz, assolando-o de desgraça de norte a sul. Nós agora é que não temos vergonha. Elles... nunca a conheceram.

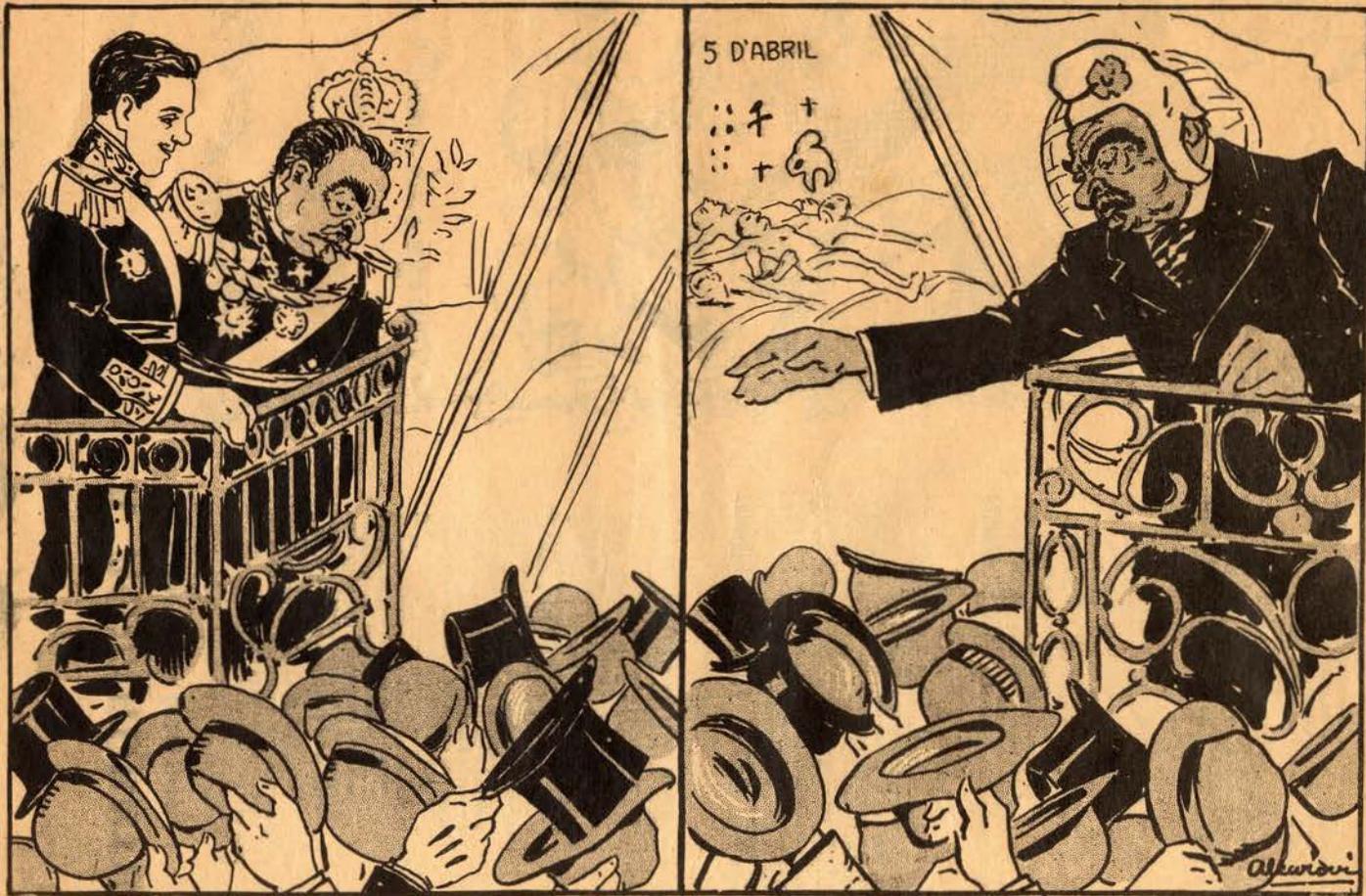
Fantoche ou quê? O sr. conselheiro Bernardino Machado caracteriza declarou sem côr, (s. ex.ª já ha muito que não côra) que em *carbonaria* tem ouvido fallar, mas nunca a viu e em Lisboa é coisa que não existe. Então o sr. Luz d'Almeida é ou não o grão-mestre ou grão de bico da Alta Venda, das choças, das barracas da *Carbonaria Portuguesa*, (que honra para a Patria) ou é algum fantoche nas mãos do sr. conselheiro Bernardino... e do sr. Silvestre Falcão?!. Nem ao menos reparam n'aquelle enorme *papillon negro!*.

Não é! Um dia d'estes cae no Senado um telegramma de Paredes de Coura reclamando — nem mais nem menos do que reclamando! — a extinção de todas as religiões e o desaparecimento de todas as igrejas de Portugal. Trema Troia, aria Bysancio que Paredes de Coura (?) não quer religiões nem igrejas! E reclamando com a emphase com que nós podemos determinar em casa que se não gaste a manteiga lá da sua terra! Que, pensando bem, elles reclamam hoje para agradar aos Borges, como amanhã reclamariam o contrario se outro ar sentissem lá pelas alturas... Mas julgarão os signatarios do telegramma que isto de religião e igrejas é coisa que se possa collocar em fochinho de cão!...

Pau para toda a colher...

No Porto em 1910, quando da viagem real

No Porto em 1914, quando da viagem do sr. Affonso Costa



Senhores: é o rei da mocidade radiosa, o Senhor do futuro à sombra gloriosa da bandeira azul e branca.
Viva sua magestade El-Rei o sr. D. Manuel III!... Viva!

Senhores: essa manifestação é para alguém a cujo lado eu sinto o futuro da pátria à sombra da bandeira verde e encarnada...
Viva o sr. Affonso Costa!... Viva!



AUTOMOVEL AMERICANO

— DE —
LUXO

4 CYLINDROS DE 115 x 145 m/m 40-50 HP
PARTIDA AUTOMATICA E ILLUMINAÇÃO ELECTRICAS
BUZINA MANUAL ELECTRICA

DUAS PRISES DIRECTAS

COM

MUTAÇÃO ELECTRICA

NOVIDADE PRIVILEGIADA

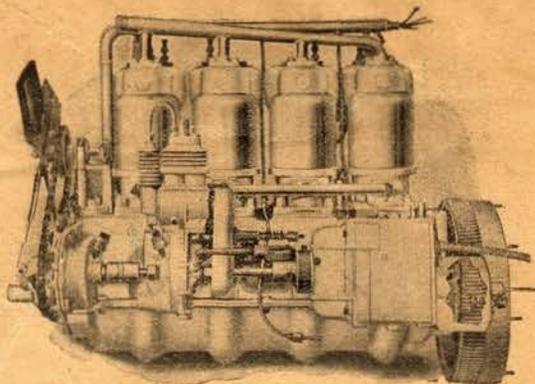
TAÇA
DO
ROYAL
CLUB
AUTOMOBILE
D'INGLATERRA



THE DEWAR TROPHY

GANHA
PELO
CADILLAC

EM
OUTUBRO
DE 1913



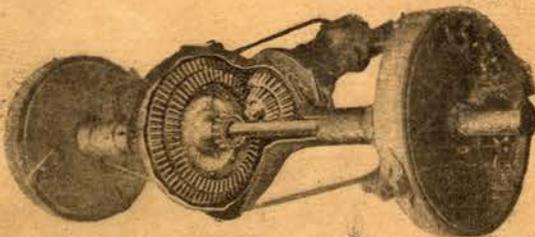
MOTOR DE 4 CYLINDROS ENCAMISADOS A COBRE

DIAMETRO 115 m/m, CURSO 145 m/m, 40-50 HP

VALVULAS ENCOBERTAS

VEIO DE CAMBOTAS MONTADO SOBRE CINCO CHUMACEIRAS

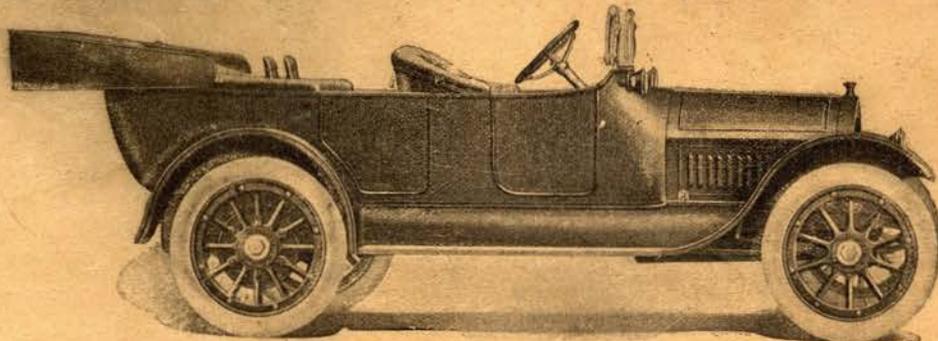
FUNCCIONAMENTO EXTRA-SILENCIOSO



Vista interior do carter do diferencial, mostrando as duas prises directas, cujas mudanças são feitas por meio d'um commutador electrico, e com os quaes s'evita, quasi por completo, o emprego da alavanca de mudança de velocidades.

Dispositivo privilegiado e sem igual até hoje

CADILLAC TORPEDO = 7 LOGARES — 40-50 HP



PREÇO COMPLETAMENTE EQUIPADO 3.500\$00

A CADILLAC MOTOR CO, FABRICA 6 MODELOS DE AUTOMOVELS PARA 3-5-7 PESSOAS. TODAS AS PEÇAS, SEM EXCEPÇÃO, BEM COMO AS CARROSSERIES, SÃO FABRICADAS NAS SUAS VASTAS OFFICINAS COM MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM.

OS AUTOMOVELS CADILLAC, HOMBREMAM POR COMPLETO COM OS DAS MELHORES CASAS EUROPEIAS, CUSTANDO MENOS 20 %, E SÃO TODOS MUNIDOS D'EQUIPAMENTO ELECTRICO, TANTO PARA A PARTIDA AUTOMATICA, COMO PARA A ILLUMINAÇÃO, MUDANÇA DAS DUAS PRISES DIRECTAS E BUZINA

Brevemente publicaremos o catalogo illustrado dos diffentes tipos de carrosseries d'esta marca, e respectivos preços

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

LISBOA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

PORTO

Rua 24 de Julho, 74 a 74-1

166, Rua Elias Garcia, 168